



» Entrevista | **AÉCIO NEVES** | DEPUTADO FEDERAL (PSDB-MG)

Neto do presidente eleito em 15 de janeiro de 1985, parlamentar frisa a importância da vitória do avô para o resgate da democracia

“Homens como Tancredo não se improvisam”

» DENISE ROTHENBURG
» EDUARDA ESPOSITO
» ROSANA HESSEL

Bruno Spada/Câmara dos Deputados



Neto de Tancredo Neves, presidente eleito em 15 de janeiro de 1985, pelo Colégio Eleitoral, que daria um fim ao período do regime militar, o deputado federal Aécio Neves (PSDB-MG) lembra, com o olhar voltado para o futuro, dos momentos em que o avô negociou a formação do acordo que ajudou na retomada da democracia brasileira.

Em entrevista ao **Correio**, o parlamentar faz um paralelo com o momento atual e é direto ao se referir à necessidade de diálogo para construção de alternativas. “O quadro partidário se pulverizou muito, mas é preciso engrossar essa avenida do centro em homenagem aos nossos fundadores e àqueles que trabalharam pela democracia”, diz Aécio, referindo-se a nomes do então PMDB, como o próprio Tancredo, Franco Montoro, Ulysses Guimarães, e com um recado claro ao partido de Luiz Inácio Lula da Silva: “Tancredo procurou o PT para que se aliasse ao grupo que trabalhava para enterrar a ditadura militar. O PT não quis. Temia que Tancredo e o MDB ocupassem o espaço”, afirma.

Naqueles dias incertos da transição democrática, quando Tancredo, eleito, passou a montar a sua equipe, o tucano lembra que, “se não fosse a insistência do avô em assinar a nomeação dos ministros na véspera da posse, quando já estava acamado, com dores no abdômen, talvez não fosse possível o país respirar ares mais democráticos”. A seguir, os principais trechos da entrevista:

Hoje se completam os 40 anos da eleição de Tancredo Neves. Que lições essa data deixou em termos de articulação política para um país que hoje está tão polarizado?

Eu começo dizendo que homens públicos como Tancredo não se improvisam. Eles são forjados nas suas convicções, na defesa intransigente daquilo que acreditam. E digo isso para afirmar que a democracia que nós respiramos hoje no Brasil é fruto da grandeza de uma geração de homens públicos, simbolizada pelo presidente Tancredo, mas que teve figuras extraordinárias, como Ulysses Guimarães, Juscelino Kubitschek e ainda Getúlio Vargas, que foram gigantes e permitiram que algumas gerações de brasileiros compreendessem a relevância da política e, a partir dela, a da democracia. Falo isso porque, de uns tempos para cá, a política se deteriorou imensamente. Hoje a política passou a ser uma guerra insana pelo poder com uma desqualificação crescente dos seus protagonistas. Então, voltar há 40 anos é mais do que relembra o momento da ruptura do regime autoritário, mas é uma oportunidade de nos recordarmos e, quem sabe, nos inspirarmos num tempo em que a política era feita de causas e objetivos maiores do que a briga pelo poder.

Naquela época, foi difícil o início do diálogo entre o PDS, que acabou virando o PFL, e as forças mais democráticas que apostaram desde o começo em

Tancredo Neves. Tem alguma memória mais apurada daquele diálogo?

Eu me lembro de vários episódios, já trabalhava com o Tancredo naquela época. Em 1982, Tancredo havia sido eleito o governador de Minas Gerais, e existia a agenda das eleições diretas, que acabou por ser derrotada em 1984, e começou a ver uma movimentação em torno do governador Tancredo Neves. Houve toda aquela movimentação das Diretas, viajamos o Brasil inteiro. Foi um momento de integração da política com a sociedade, virou uma coisa só, então não era apenas os políticos conduzindo o processo político, era a sociedade, os intelectuais, os artistas, as pessoas comuns indo pra rua.

Houve vários comícios...

Os comícios das Diretas foram fundamentais para esse 15 de janeiro de 1985, porque colocou as pessoas nas ruas, começaram a perceber que tinham força, e não apenas as pessoas do próprio regime. Não tenho dúvida de que, ao ver aquelas manifestações — algumas com 1 milhão de pessoas, como na Praça da Sé (SP), na Cinelândia (RJ), na Candelária (RJ) e em tantos outros locais pelo Brasil —, o regime compreendia que o povo estava saindo da toca, estava, na verdade, compreendendo o seu tamanho.

Mas as Diretas foram derrotadas.

Em abril de 1984, as Diretas são derrotadas no Congresso, e começa um movimento em torno do presidente Tancredo. Ele dizia que, se nossas eleições fossem diretas, o nosso candidato seria Ulisses. Isso antes da derrota das Diretas. E, depois, continuou um movimento em torno dele, lideranças importantes começaram a ir a Minas Gerais. Algumas, inclusive, dissidentes já do PDS na época, dizendo que



A democracia que nós respiramos hoje no Brasil é fruto da grandeza de uma geração de homens públicos, simbolizada pelo presidente Tancredo, mas que teve figuras extraordinárias, como Ulysses Guimarães, Juscelino Kubitschek e Getúlio Vargas”

o Tancredo deveria renunciar ao governo de Minas. E ele já tinha perdido a eleição para o governo em 1960, portanto era para ele uma conquista pessoal, um objetivo muito relevante governar em Minas. Queriam que, com um ano, ele renunciasse. Foram várias as caravanas de lideranças lá dizendo a ele que haveria uma dissidência do PDS.

Qual foi a reação dele?

Nesse momento, ele disse uma frase que eu guardo muito: “A nossa vida é feita de riscos, mas não deve ser de aventuras. Para correr riscos, conte comigo. Para uma aventura, não”. O que ele quis dizer com isso: voltem e tragam essa dissidência formalizada. Foi exatamente ali que nasce o PFL, com Marco Maciel à frente, o próprio Sarney. Construindo essa dissidência, voltam a Minas Gerais, já com a formalização da frente liberal, aquilo que não era seguro, mas já não era mais uma aventura, era um risco. Porque aí seria mais uma marcação de posição, porque ele teria que renunciar ao governo de Minas e poderia perder a eleição no Colégio Eleitoral. Quando a frente liberal se constituiu, segundo a sua própria definição, a aventura vira um risco, e risco, segundo ele, nós temos que correr.

O que aconteceu?

Ele deixa o governo de Minas e passa a rodar o país repetindo

aguardando os médicos para ver que provisão nós íamos tomar, tinha até um avião preparado para levá-lo para São Paulo, mas os médicos se negaram a entrar no avião. O Pinheiro da Rocha, principalmente. Então, falei: “Olha, o Zé está aí, me disseram, mas vou mandar embora. Amanhã a gente vê isso enquanto espera os médicos chegarem” e ele falou “traga os atos”.

O que ocorreu depois?

O último gesto dele foi assinar os atos de nomeação dos ministros, e eu peguei esses atos, dessas assinaturas dele na cama. O Castelo Branco ficou esperando na sala. Ele assinou cada um, devolve e falando: “Mande publicar amanhã, independente do que ocorrer comigo, porque, com isso, a transição está consolidada”. E quando a notícia de que o Tancredo não tomaria posse na manhã do dia 15 circulou, o Hospital de Base foi invadido. A sala de Tancredo, onde ele fez a cirurgia, tinha umas 30 pessoas curiosas entrando e saindo, como se fosse uma reparição pública, foi uma coisa vergonhosa. E nós não sabíamos, estávamos em uma sala, no quarto, aguardando. Aquele hospital estava totalmente despreparado para receber o Tancredo e os médicos. Tanto que deu no que deu.

Como foi o episódio com Sylvio Frota?

Sylvio Frota quis entrar no Ministério do Exército e que o ministro Walter Pires voltasse, e foi quando o ministro Leitão de Abreu disse: “Olha, ele já não é mais ministro, o ministro é o general Leônidas”. Então, aquele gesto, mesmo no momento de muita dor em angústia, horas antes de tomar posse, foi essencial para que não houvesse um vácuo de poder que possibilitasse que os mais radicais, inconformados ainda com a redemocratização, tentassem algum ato

de desespero extremo. Ele amareceu no hospital, mas no dia 15 o Brasil tinha um novo ministro do Exército. Quando surgiu o impasse de quem tomava posse, se era Ulysses ou Sarney, que o general Leônidas chegou no hospital com o Ulysses junto e disse que o presidente Sarney foi eleito vice-presidente da República, quem toma posse é o presidente Sarney.

Como avalia o momento atual?

A frustração, agora, é outra. É ver que a democracia muito menos do que um instrumento para uma transformação de país, ao longo do tempo, vem se transformando numa briga rasa, odiosa, radical pelo poder entre os extremos, e era tudo que o Tancredo negava. Ele era do entendimento, conciliação e também da coragem.

Voltando à eleição, o PT foi contra na época, e quem votou a favor foi expulso. Como analisa isso com o olhar de hoje?

Sempre fui muito crítico dessas posturas do PT historicamente, porque o PT se manifesta sempre a favor da democracia quando ela lhe é conveniente, seja aqui ou fora daqui. Quando os aliados não prezam a democracia nos seus países, mas são aliados, a democracia passa a ser secundária. O PT sempre teve a democracia como algo que lhe servisse. Foi assim na Constituição de 1988. Eu estava lá. O líder do PT na Câmara chamava-se Luiz Inácio Lula da Silva e ele se encaminhou na tribuna contra a votação do texto final da Constituição. O PT votou contra o texto final da Constituição. Na eleição do Tancredo, me lembro que, na época, Bete Mendes, Aírton Soares, se não me engano, José Hildes, que votaram a favor, foram simplesmente expulsos do PT, porque para o PT, entre o PT e o Brasil, sempre vai vir o PT.

Houve outros episódios?

Se quiser, tem outros. O Plano Real, algo mais relevante no ponto de vista econômico do Brasil. O PT ficou contra porque não interessava fortalecer a política do Fernando Henrique Cardoso, que foi a consequência do Plano Real. Claro que não tenho problema que as pessoas mudem, os tempos também mudam, o quadro partidário também se pulverizou muito. Mas vamos pensar nas questões históricas de dimensão nacional. Pelo menos para mim, as referências maiores que ficam são essas. Porque eu me lembro do esforço que o presidente Tancredo fez para ter um voto do PT, as conversas longas sobre o Brasil: “É um processo, um governo transitório. Nós temos que virar a página do autoritarismo e temos a certeza de que essa é a última reunião do Colégio Eleitoral na história do Brasil”. Mas nem isso convenceu o PT, porque é a lógica deles era: se for o Tancredo, vão ocupar o nosso espaço. Era essa a perversa lógica que, naquela época, pelo menos, orientava as decisões do PT. Para fazer justiça aqui, acho que o Lula faz, até em determinado momento, uma mea culpa em relação à eleição do Tancredo, um pouco envergonhada, mas fez.

Leia a íntegra da entrevista no correio braziliense.com.br